

## O que é o esporte? As contribuições seminais de Johan Huizinga e Roger Caillois ressignificadas por Roland Barthes

José Carlos Marques<sup>1</sup>

RESUMO: Em 1961, o pensador francês Roland Barthes (1915-1980) publicou o texto “Le sport et les hommes”, a partir de uma encomenda do canadense Hubert Aquin, que realizava um documentário com o mesmo título. O artigo oferece uma análise semiológica sobre a tourada na Espanha (a qual o próprio Barthes não sabe se a inclui na categoria de esporte), o automobilismo nos Estados Unidos, o ciclismo na França, o hóquei no gelo no Canadá e o futebol na Inglaterra. Longe dos termos técnicos das ciências do esporte e do linguajar acadêmico canônico, Barthes procura analisar os significados e a importância que o esporte assumiu na sociedade de massas do século XX, buscando interpretações e correlações entre a prática esportiva e as necessidades vitais do homem na contemporaneidade. Nossas reflexões procuram contrapor a contribuição barthesiana às obras seminais de dois outros autores europeus que, anos antes, propuseram uma leitura original sobre o esporte: são os casos de Johan Huizinga e o livro *Homo Ludens* (1938), e de Roger Caillois e *Os Jogos e os Homens* (1957).

PALAVRAS-CHAVE: Roland Barthes; Esporte; Documentário *O esporte e os homens*.

## What is sport? The seminal contributions of Johan Huizinga and Roger Caillois re-signified by Roland Barthes

ABSTRACT: In 1961 the French philosopher Roland Barthes (1915-1980) published the text “Of sport and men”, from a Canadian order Hubert Aquin, which carried out a documentary with the same title. The article offers a semiotic analysis of bullfighting in Spain (to which Barthes himself does not know whether includes the sport category), motor racing in the US, cycling in France, the ice hockey in Canada and football in England. Far from the technical terms of science of sport and canonical academic language, Barthes analyzes the meaning and the importance that sport has taken on mass society of the twentieth century, seeking interpretations and correlations between sports practice and the vital needs of man in contemporary society. Our reflections seek counter Barthes' seminal contribution to the works of two other European authors who, years earlier, proposed an original reading about the sport: these are the cases of Johan Huizinga and the book *Homo Ludens* (1938), and Roger Caillois and *Man, Play and Games* (1957).

KEYWORDS: Roland Barthes; Sport; *Sport and men* documentary.

Em 1961, o pensador francês Roland Barthes (1915-1980) publicou o texto “Le sport et les hommes” / “O que é o esporte?”, a partir de uma encomenda do canadense Hubert Aquin, que realizava um documentário com o mesmo título. O artigo, talvez pelo seu caráter fortuito, não foi incluído nas obras completas de Barthes publicadas pela editora Seuil. No entanto, temos aqui um retrato poético e original sobre o esporte a partir do olhar estruturalista do intelectual francês. O texto faz uma análise semiológica sobre a tourada na Espanha (a qual o próprio Barthes não sabe se a inclui na categoria de esporte), o automobilismo nos Estados Unidos, o ciclismo na Europa (nomeadamente o “*Tour de France*”), o hóquei no gelo no Canadá e o futebol na Inglaterra.<sup>2</sup>

Longe dos termos técnicos das ciências do esporte e do linguajar acadêmico canônico, o texto hoje mais do que cinquentenário de Barthes procura analisar os significados e a importância que o esporte assumiu na sociedade de massas do século XX, buscando interpretações e correlações entre a prática esportiva e as necessidades vitais do homem na contemporaneidade. Este nosso ensaio procura contrapor a contribuição barthesiana e seu texto pouco conhecido do público em geral diante das obras seminais de dois outros autores europeus que propuseram uma leitura original sobre o papel do esporte na sociedade moder-

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e do Departamento de Ciências Humanas da mesma instituição. E-mail para contato: [zeca.marques@uol.com.br](mailto:zeca.marques@uol.com.br).

<sup>2</sup> No Brasil, o texto foi publicado com o título “O que é o esporte?”, no número 3 da revista *Serrote*.

na: são os casos do holandês Johan Huizinga e o livro *Homo ludens* (publicado em 1938), e do francês Roger Caillois com *Os Jogos e os Homens* (lançado em 1957).

## 1. Huizinga e Caillois, precursores de Barthes

Johan Huizinga (1872-1945), historiador renomado pelos estudos sobre a Idade Média, a Reforma e o Renascimento, em sua obra *Homo ludens* supervaloriza a importância da atividade lúdica em nossa civilização, afirmando que o jogo é anterior à cultura. O jogo é caracterizado então a partir de sua “função significativa”: não se trata de um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico, pois no jogo há elementos que transcendem as necessidades imediatas da vida e que transferem significado à ação. O delírio das multidões em torno de uma partida de futebol ou o grau de fascinação que o jogo exerce na plateia e nos atletas não podem ser explicados apenas por razões biológicas. Trata-se, portanto, de analisar o jogo como função da cultura, ainda que (ou até por isso mesmo) ele possa ser conceituado como irracional.

O jogo poderia ser definido assim em função de algumas particularidades. Primeiramente, ele é uma atividade totalmente *voluntária*, donde se depreende o fator de liberdade que ele encerra em si mesmo. Além disso, o jogo não pertence à vida comum, mas representa uma evasão à vida “real”, situando-se assim fora do mecanismo de satisfação de qualquer necessidade imediata: é um intervalo na vida cotidiana e insinua-se assim como uma atividade *temporária*, desligada de qualquer interesse material. A *limitação no tempo e no espaço* resulta na terceira das características principais do jogo: ele é jogado dentro de certos limites temporais e espaciais, possuindo um caminho e um sentido próprios. Todo jogo se processa num território previamente delimitado, material ou imaginariamente. Por fim, chega-se a outra característica essencial do jogo segundo Huizinga, qual seja a de ele criar ordem e ser *ordem*.

Após a obra precursora de Huizinga, coube ao sociólogo e crítico literário francês Roger Caillois (1913-78) renovar a abordagem sobre o jogo e o esporte, publicando outra obra fundamental para a compreensão desse fenômeno. A diferença entre as duas obras está na relativização que Caillois efetua sobre o “exagero” cometido por Huizinga, ao supervalorizar o aspecto lúdico da vida em detrimento de outros elementos constituintes da cultura. Mesmo assim, há muitos pontos de contato entre os dois autores: Caillois também reproduz a dicotomia trabalho-jogo, ao afirmar que o jogo “opõe-se ao trabalho, tal como o tempo perdido se opõe ao tempo bem entregue” (1990, p.9); além disso, o autor francês enxerga igualmente nos jogos os “resíduos da nossa cultura ancestral”, atribuindo ainda a eles uma intenção civilizadora e disciplinadora, pois “todo o jogo é um sistema de regras que define o que é e o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido”.

Para o francês, o jogo poderia ser entendido como uma atividade *livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia*. A contribuição de Caillois, para além de aproveitar parte da taxonomia de Huizinga, está no fato de perceber o jogo como algo incerto (não é possível saber de antemão o resultado do jogo, nem o comportamento dos jogadores) e como algo fictício (a atividade lúdica inaugura um novo tempo e um novo espaço, descolado dos da vida real). No entanto, o maior mérito da obra de Caillois é propor outra tipologia para classificar a natureza social dos jogos, que poderiam ser divididos em quatro categorias: *agon*, *alea*, *mimicry* e *ilinx*. *Agon* representaria os jogos de competição numa disputa regulamentada e regrada a partir da igualdade de condições inicial para os competidores – caso do esporte, assim como o temos atualmente. *Alea* diria respeito aos jogos de sorte e azar, em que o competidor age passivamente (ao contrário do *agon*) e que são protagonizados por loterias, cassinos e casas de apostas. *Mimicry* atenderia aos jogos de representação e simulacro, espetacularizados no carnaval, no teatro, na dança, na imitação que a criança faz do mundo adulto etc. Por fim, *ilinx* diria respeito aos jogos de busca da vertigem, cujo transe representaria uma fuga temporária da realidade. Seriam os casos dos esportes radi-

cais (alpinismo, esqui, luge etc.) e das atividades em que se provoca uma perda provisória ou parcial da consciência, como a que se tem em alguns brinquedos de parques de diversão (caso da montanha-russa) ou mesmo a que deriva do uso de drogas e do álcool.

## 2. Barthes e sua leitura sobre o esporte

Alheio às discussões e contradições em torno da classificação dos jogos, Roland Barthes elabora seu artigo. A parceria entre ele e Hubert Aquin foi mais profunda: o diretor dirigiu-se a Barthes por carta, dizendo que pretendia fazer um filme de cerca de uma hora sobre o esporte a partir de sua fenomenologia e sua poética, e que ficara cativado pela leitura do primeiro capítulo de *Mitologias*, obra lançada pelo pensador francês em 1957. Barthes, por sua vez, viajaria ao Canadá em janeiro de 1961 a convite de Aquin, a fim de conhecer essa modalidade esportiva ignorada por ele (o hóquei sobre o gelo); caberia ainda a ele sugerir o título final do filme (*Le Sport et les hommes*, em francês).

O primeiro parágrafo do texto barthesiano, todo formado por indagações que serão recuperadas e respondidas ao final, já aponta para a necessidade de o leitor inquietar-se e de evitar os juízos preconcebidos: “Que necessidade têm esses homens de atacar? Por que ficam perturbados diante desse espetáculo? Por que dão tudo de si? Por que esse combate inútil? O que é o esporte?”. O autor francês inicia então seu percurso de respostas às indagações lancinantes do começo do texto justamente pela modalidade mais difícil de ser aceita como esporte: a tourada. O próprio Barthes resolve magnificamente o dilema de abordar ou não a tourada como um esporte: ele dribla a polêmica da discussão como se estivesse lançando um golpe de capa sobre o animal:

Embora a tourada seja quase um não esporte, talvez seja o modelo e o limite de todos os esportes; elegância da cerimônia, regras estritas de combate, força do adversário, ciência e coragem do homem, todo nosso esporte moderno está nesse espetáculo de outras eras, herdado dos antigos sacrifícios religiosos. Mas esse teatro é falso: nele, morre-se de verdade. (BARTHES, 2009, p. 97)

Não é difícil perceber que, mesmo sem citá-lo expressamente, Barthes retoma algumas das características atribuídas ao jogo por Huizinga, notadamente a questão de o jogo, em diferentes sociedades, derivar do culto e basear sua sintaxe por meio de regras definidas de antemão. E, retomando a tipologia de Caillois, Barthes instaura a tourada no universo da representação mimética e no da vertigem diante da fatalidade (*mimicry* e *ilinx*). Depois de estruturar o espetáculo da tourada em quatro atos (passes de capa, picadores, *banderillas* e morte), Barthes destaca a questão plástica que estaria representada nos movimentos do toureiro:

O que é o estilo? É fazer de um ato difícil um gesto gracioso, é introduzir ritmo na fatalidade. É ser corajoso sem desordem, é dar ao que é necessário a aparência de liberdade. [...] Assim, o que a multidão glorifica no vencedor, atirando-lhe flores e presentes, que ele graciosamente retribui, não é a vitória do homem sobre o homem, pois o touro é sempre vencido; é a vitória do homem sobre a ignorância, o medo, a necessidade. (BARTHES, 2009, p. 98)

Diante da coragem do animal, portanto, o homem oporia sua coragem, sua ciência e sua beleza como símbolos de prova humana. A execução do touro na arena apontaria ainda para a prática ancestral de imolação de animais presente em diferentes cultos religiosos. E, mais do que glorificar uma vitória sobre o próprio touro, o que glorificamos num espetáculo brutal como o da tourada, segundo Barthes, é a nossa própria vitória sobre o desconhecido simbolizado pela natureza.

Em seguida, Barthes debruça-se sobre o automobilismo. Em vez do animal, aqui é a máquina que se mostrará desafiadora do homem, exigindo deste, igualmente, sua coragem e

ciência. Só que, agora, o inimigo é bem mais sutil: o tempo. É o tempo que deverá ser vencido, simultaneamente à máquina e ao terreno – os três adversários que o homem terá pela frente, mais uma vez, numa atividade plena de vertigem (*ilinx*). Contudo, segundo Barthes, tudo que funcionará rápido (rodas, motores, engrenagens) deve ser testado exaustivamente, pois a “velocidade não passa de uma recompensa pela extrema lentidão”. Em outras palavras, “a força mais veloz não passa de uma soma de paciências, ponderações, sutilezas, atos infinitamente precisos e infinitamente exigentes”. É desse paradoxo que o pensador francês retira a beleza de cada prova de automóveis, atestando que o esforço do motor, na verdade, revela o esforço humano: “Neles estão depositados o trabalho, a invenção e o cuidado de dezenas de homens que prepararam, sofisticaram e resolveram a mais difícil das equações: uma potência extrema, uma resistência mínima, seja a do peso ou a do vento” (BARTHES, 2009, p.99).

De forma original, Barthes aponta para o fascínio que a tecnologia – e toda a sociedade de consumo pós-Revolução Industrial que com ela adveio – exerce sobre o homem forjado no convívio da máquina ao longo dos séculos XIX e XX. A fatalidade de um competidor é também a fatalidade nossa: “Assim, a morte de um piloto é infinitamente triste, pois não é apenas um homem que morre, é um pouco de perfeição que desaparece deste mundo. Mas é precisamente por essa perfeição ser mortal que ela é humana” (BARTHES, 2009, p.99-100).

À semelhança do que analisa na tourada, também no automobilismo Barthes dirá que a vitória do homem não é a vitória sobre outro homem, mas sim a vitória sobre “a força da gravidade e a inércia das coisas”: o mais mortífero dos esportes é também o mais generoso, pois permite que o homem conduza a máquina ao limite do possível – e, assim, demonstre todo o domínio que exerce sobre ela e sobre a tecnologia que antecede a fabricação desse “touro” sobre rodas.

Na sequência, Barthes dedica a maior parte de seu texto a esmiuçar a estrutura do ciclismo, detendo-se com mais fervor sobre o *Tour de France*, tradicional prova que rasga a França durante o mês de julho. Para Barthes, a geografia dos gauleses não é a dos livros, mas sim a do *Tour*: todos os anos, cada cidadão francês informa-se sobre a “extensão de seu litoral e da altitude de suas montanhas. Todo ano ele refaz a unidade material de seu país, inventariando suas fronteiras e seus produtos”. Mais uma vez, contudo, não é outro homem que deve ser superado. O que se deve superar no ciclismo é a “resistência das coisas”. E, à semelhança do automobilismo, deve-se superar igualmente o tempo. E, à semelhança ainda da tourada, deve-se superar igualmente a natureza, o frio, o calor e o vento: “é a resistência da terra que ele [o homem] deve acrescentar à dos objetos”. É, nos dizeres de Barthes, “estabelecer que o homem é capaz de apoderar-se de todo o universo físico” e provar, para si mesmo e para todos os outros, que ele é o senhor dominador de todas as coisas.

Prosseguindo o percurso do documentário de Aquin, é sobre o hóquei no gelo que Barthes estabelece outras relações estruturais singulares, iniciando-se com uma simples constatação: “de todos os esportes pedestres, o hóquei é o mais rápido: o esporte é esse poder de transformar cada coisa em seu contrário”. Nesse caso específico, o contrário está em verificar como um país que, por força das baixas temperaturas, passa grande parte de sua vida em ambientes subterrâneos e no convívio com o gelo consegue projetar tais representações numa atividade esportiva:

O que é um esporte nacional? É um esporte que brota da própria matéria de uma nação, isto é, de seu solo e de seu clima. Jogar hóquei é repetir constantemente que os homens transformaram a imobilidade do inverno, a terra ressequida, a vida suspensa, e que, de tudo isso, fizeram, precisamente, um esporte alegre, vigoroso, apaixonado. (BARTHES, 2009, p.99-100)

Aqui, mais uma vez temos o homem afirmando que consegue driblar as limitações da natureza, que consegue apoderar-se de todo o universo e mostrar-se ágil diante de obstáculos naturais, simbolizados na superfície de gelo de uma quadra. O hóquei sobre o gelo, de todas as modalidades comentadas por Barthes, é a única realizada em ambientes fechados.

Não contente em domesticar e em mostrar-se mais forte do que a natureza do animal (como na tourada), o homem só se compraz se também puder domesticar e mostrar-se mais forte que a natureza, mais forte do que o tempo e o clima na mesma medida.

Por último, em seu ensaio, Barthes dedica algumas poucas palavras para o futebol, sem o mesmo brilhantismo dedicado às quatro modalidades anteriores. Mesmo assim, a sagacidade do pensador francês, ao citar um dia de jogo em Wembley (estádio londrino), ainda basta para mostrar que o esporte constituiu-se numa “grande instituição moderna baseada nas formas ancestrais do espetáculo”. E, tal qual o teatro, é o esporte hoje que conseguiria reunir a cidade inteira numa experiência comum – a de fazer que o homem pudesse reconhecer suas próprias paixões:

Assistir, aqui, não é apenas viver, sofrer, ficar na expectativa, compreender, mas também – e sobretudo – o que se diz, com a voz, o gesto, o rosto; é tomar o mundo inteiro como testemunha. Resumindo, é comunicar-se. Por fim, há no homem forças, conflitos, alegrias e angústias; o esporte os exprime, liberta, queima, sem nunca permitir que destruam alguma coisa. (BARTHES, 2009, p. 105.)

### 3. Por que esse combate inútil?

Assim como inicia seu texto com uma série de questões, Barthes volta a elas no final, repetindo-as como que num exercício tautológico: “Que necessidade têm os homens de atacar? Por que ficam perturbados diante desse espetáculo? Por que dão tudo de si? Por que esse combate inútil? O que é o esporte?” E prossegue ele, para responder a tudo isso em apenas duas frases, após uma derradeira questão: “O que, então, os homens colocam no esporte? Eles mesmos, seu universo de homem. O esporte é feito para relatar o contrato humano”.

A riqueza do texto de Barthes está em decifrar a sintaxe de cada jogo, de cada esporte – daí ser mais fácil para nós compreendê-los e admirá-los. Aproveitando-se implicitamente de vários conceitos de Huizinga, Barthes propõe um olhar menos sociológico e mais estrutural para abordar o esporte, retomando algumas das contribuições que Roger Caillois traria ao público anos depois de Huizinga. A originalidade do texto que serviu de base ao documentário de Hubert Aquin está em verificar que, no esporte, o combate é uma competição, e não um conflito. E a vitória nunca é a de um homem sobre outro homem, mas do homem *versus* a resistência das coisas e o universo, vitória por meio da qual se manifesta a liberdade de ação e de movimento.

Talvez pudéssemos concluir este ensaio indagando-nos se o esporte – que nada mais é do que o jogo levado a sério – seria para Barthes algo não anterior, mas posterior à cultura, resignificando assim a premissa de Huizinga. O esporte, como ele atesta magistralmente, é feito para relatar o contrato humano.

### REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.  
\_\_\_\_\_. *O que é o esporte*. Revista Serrote. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 2009.  
CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Portugal, 1990.  
HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.